

Ibert (Jacques François Antoine)



Compositor francês (Paris, 1890 — id., 1962). Venceu em 1919 o prêmio de Roma. Artista autônomo, formado pelo Conservatório de Paris, manteve-se afastado dos entusiasmos da arte de vanguarda e de protesto, dedicando-se mais às pesquisas do mundo musical poético. Entre suas obras de orquestração mais conhecidas estão "Escales", "La Ballade de la Geôle de Reading" (baseado no poema de Oscar Wilde), um concerto de flauta, outro para violoncelo e instrumentos de sopro e a suíte "Paris". "O Pequeno Asno Branco", da suíte "Histórias", tornou-se sua obra para piano mais famosa. É também autor de diversas músicas para filmes, entre as quais a do "Dom Quixote" de Pabst. De 1937 a 1961 foi diretor da Academia Francesa em Roma.

Íbicos de Rhegion

Poeta grego (Rhegion, Magna Grécia, início do século VI a.C.). Pertencia provavelmente a uma família nobre (a tradição relata que ele poderia ter-se tornado tirano, mas preferiu deixar seu país). Em cerca de 560 a.C., Íbicos encontrava-se na corte da ilha de Samos, onde cantou, num panegírico, a beleza do jovem Polícrates, filho do tirano Aiaques. Não se sabe por quanto tempo ele ficou em Samos e onde morreu. Os poemas de Íbicos eram compostos de sete livros; mas só fragmentos chegaram à época moderna (uma centena de versos). Alguns de seus versos parecem ter sido inspirados em Estesícoro. Tanto que certos poemas curtos e líricos, como "Jogos para Pelias", podem ser atribuídos tanto a um como a outro. Mas outra parte de sua obra — entre a qual inclusive os fragmentos que chegaram até hoje — mostra um Íbicos

completamente diferente de Estesícoro. Na Antiguidade, Íbicos tornara-se célebre pelos panegíricos e pela paixão ardente que refletiam seus poemas. Contudo, o panegírico escrito em honra a Polícrates, do qual existe um longo fragmento, é frio e desprovido de cor; é o escrito de um súdito obsequioso, e não um poema de amor. Em outro fragmento, o poeta, já velho, vê aproximar-se mais uma vez o amor. E teme: compara-se a um cavalo de corrida por muito tempo vitorioso, mas que não tem mais o vigor de outrora e que é forçado novamente a descer para a arena. Íbicos teria sido o inventor do "encomion", panegírico de um personagem humano em lugar de um deus.

Ibn al-Farid (Sharaf al-Dinabu Hafis 'Umar)

Poeta místico árabe (Cairo, 1127? — id., 1235). Filho de um escrivo sírio, estava destinado à carreira legal, mas abandonou seus estudos para dedicar-se à vida religiosa nos montes isolados de Muqattam. Passou então alguns anos em (ou perto de) Meca, onde encontrou al-Suhrawardi. Depois de alguma convivência com esse místico sufi (panteísta), retornou para o Cairo, onde viveu rodeado pela veneração de personagens importantes. Expressava suas intuições místicas sob a forma simbólica de cantos de amor, de cantigas para festas, etc. Escreveu, entre outras, "Nazn al-Suluk" ("Canção do Caminho"), composta de 761 parelhas de versos rimando em "-ati"; e a longa ode mística "Khamriyya" ("Ode ao Vinho").

Ibrahim (Pacha)

Vice-rei do Egito (Cavalla, Rumélia, 1789 — Cairo, 1848). Apoiou seu pai, Méhémet-Ali, no campo militar, reorganizando o Exército egípcio. A seguir, testou suas tropas na guerra contra os Wahhabitais (1816/18): tomou a capital inimiga, Dariyyah, e capturou seu chefe, Abd Allah. Em 1825, ajudou o sultão Mahmoud II contra os gregos com um exército de 18 000 homens e uma frota. Tomou Navarin e Missolonghi (1826), mas teve de evacuar o país depois de uma intervenção das potências ocidentais (1828). Na primeira guerra turco-egípcia (1831/33), atravessou o istmo de Suez, tomou Gaza e

Jaffa e, depois de seis meses de sítio, a fortaleza de Saint-Jean-d'Acre (maio de 1832). A seguir venceu o Exército otomano em Homes (julho de 1832) e depois em Konys (dezembro). Alcançou Esmirna e avançou sobre Constantinopla, quando as pressões diplomáticas franco-inglesas obrigaram-no a assinar a paz de Kutayah (maio de 1833) — documento que salvava o sultão, mas assegurava ao vice-rei do Egito toda a Síria. Nomeado governador da Síria, dedicou-se à modernização do país, mas o sultão, tendo reaberto as hostilidades, levou Ibrahim a retomar o comando do Exército egípcio. Assim ele obteve uma vitória decisiva sobre os turcos em Nizib (junho de 1839). Mas, uma vez mais foi privado dos benefícios de suas vitórias pela intervenção das potências ocidentais, que obrigaram os egípcios a abandonar a Síria (1840). Ibrahim dedicou-se então à administração interna do Egito, do qual se tornou vice-rei quando da abdicação de seu pai em 1848.

Ibsen (Henrik Johan)

V. Ibsen, Enciclopédia Abril (vol. VI).

Ihering (Rudolf von)

Jurista alemão (Aurich, Frísia, 1818 — Göttingen, 1892). No início pertenceu à escola histórica, passando depois para o hegelianismo. Sua primeira grande obra foi "O Espírito do Direito Romano nas Diversas Fases de sua Evolução" (1865). O livro inicia-se com uma crítica rigorosa da doutrina da escola histórica, cujos fundamentos — afirma — são totalmente insustentáveis. Em sua doutrina geral do direito, Ihering desenvolveu o conceito mais vivo da teoria hegeliana, ou seja, da sociedade civil como um todo orgânico. Em "A Luta pelo Direito" (1873), sua idéia central é o dever de defender o direito contra o capricho e a ilegalidade, o de combater "a indigna tolerância da injustiça, por temor ou por indolência". A obra-prima de Ihering, inacabada, é "O Objetivo do Direito" (1877/83), onde o autor desenvolve a tese de que a fonte do direito e, portanto, também sua essência, nada mais é do que a utilidade, nele teleologicamente implicada. O direito é manifestação do egoísmo



calculador que, em seu interesse, limita a própria força para alcançar um determinado fim, e impõe-se como norma de operar. Ihering exerceu grande influência no direito em todo o mundo, inclusive no Brasil, onde várias de suas teses da filosofia do direito foram adotadas pela chamada Escola do Recife.

Immermann (Karl Lebrecht)

Escritor alemão (Magdeburgo, Saxônia, 1796 — Düsseldorf, 1840). Filho de um magistrado prussiano muito severo, foi destinado a seguir a mesma carreira: aos dezessete anos foi para a universidade de Halle para estudar direito. Interrompeu o curso para participar da campanha de 1815 contra Napoleão, retomando-o a seguir. Colocou-se então contra as associações estudantis que dominavam a vida universitária, e escreveu um violento libelo. Entrou para a carreira judiciária em 1818, dedicando-se diletantemente à poesia. Seu trabalho levou-o a Düsseldorf, onde sua casa tornou-se o centro de encontro de diversos artistas e poetas. Foi para ele um período de intensa atividade literária. Escreveu o pequeno poema satírico "Tulifantchen", o drama místico "Marlin", o romance "Epígonos" e sua obra-prima, "Münchhausen". A partir de 1834, dirigiu o teatro municipal de Düsseldorf, transformando-o numa grande casa de espetáculos. Porém, não pôde evitar sua falência. Enalteceu a vida sadia dos camponeses contra a decadente sociedade urbana.

Inácio de Antioquia (Santo)

Bispo católico (Síria?, c. 35 — Roma, c. 107). De acordo com uma passagem de sua "Epístola aos Romanos", parece ter sido, antes de sua conversão, um perseguidor dos cristãos. Por volta do ano 70, tornou-se o terceiro bispo de Antioquia (Síria), depois de São Pedro e de Euodius. Na época de Trajano (98/117), foi preso em Antioquia, levado para Roma e martirizado. Endereçou cartas às igrejas de Éfeso, Magnésia de Tralles, Filadélfia, Esmirna e Roma, encorajando-as para que persistissem na fé. Suas cartas constituem importante documentário sobre a Igreja primitiva, descrevendo o fervor dos mártires e os primórdios da organização eclesiástica.

Inácio de Loyola (Santo)



Fundador da Companhia de Jesus (Castelo de Loyola, Guipozcoa, 1491? — Roma, 1556). Filho de Beltran Yanez de Oñez y Loyola, era o filho mais novo de uma família da nobreza basca. Após rápida educação, seguiu a carreira militar. Ferido na perna (em 1521) quando da defesa de Pamploña contra os franceses, esteve longo tempo convalescendo. Aproveitou esse repouso forçado para ler obras religiosas, especialmente "Lenda Dourada" de Jacques de Voragine. Inflamado pelo exemplo dos santos, decidiu consagrar-se totalmente a Deus. Fez uma peregrinação a Notre-Dame de Montserrat (1522), indo depois para Marnese, onde se pôs ao serviço do hospital. Foi então que redigiu a primeira versão de seu "Exercícios Espirituais", método de treinamento espiritual visando sobretudo ao autodomínio e à submissão da alma a Deus. Tendo passado um ano em Marnese, fez uma peregrinação à Terra Santa (1524) e depois resolveu reiniciar seus estudos. Já com mais de trinta anos, frequentou as universidades de Alcalá e de Salamanca e, de 1528 a 1535, a de Paris. Acompanhado pelos seis primeiros discípulos (Fabre, Francisco Xavier, Leinez, Salmeron, Bobadila e Rodriguez), pronunciou em Montmartre os votos de pobreza e castidade. A seguir, decidiu partir por um ano para a Palestina, para consagrar-se à conversão dos infiéis ou, se este projeto se mostrasse irrealizável, para pôr-se à disposição do papa (15 de agosto de 1534). Inácio e seus companheiros reencontraram-se no ano seguinte em Veneza, mas não puderam embarcar devido à guerra que se desenrolava contra os turcos. Inácio, que fora orde-

nado padre (24 de junho de 1537), formou então a Companhia de Jesus, e foi para Roma para pô-la ao serviço da Santa Sé. Redigiu o primeiro esboço da constituição de sua ordem, que foi aprovada pelo Papa Paulo III na bula "Regimini Militantis Ecclesiae" (27 de setembro de 1540). Não mais se afastou de Roma, dirigindo do próprio centro da Igreja a expansão de sua Companhia. Inicialmente limitada a sessenta membros, a ordem foi pouco depois autorizada a um recrutamento ilimitado (bula de 15 de março de 1543). Desempenhou importante papel na colonização da América espanhola e portuguesa. Beatificado em 1609, canonizado em 1622, Inácio de Loyola foi proclamado patrono de todos os exercícios espirituais em 1922. O espírito de Inácio de Loyola ainda vive na Companhia de Jesus e nas "Constituições" jesuítas, que ainda regem a vida de mais de 30 000 jesuítas espalhados pela maioria dos países de todo o mundo.

Ingenhousz (Jan)

Físico, químico e médico holandês (Breda, 1730 — Bwood, Wiltshire, Inglaterra, 1799). Estudou medicina, física e química nas universidades de Louvain e Leyden. Em 1765, visitou a Inglaterra, indo três anos depois para Viena, onde se tornou médico da família real, imunizando-a contra a varíola pelo método do médico inglês Edward Jenner. Muito procurado e admirado, ficou em Viena até 1779, quando retornou para a Inglaterra. Em 1769 foi eleito membro da Royal Society e contribuiu com escritos sobre diversos assuntos no "Philosophical Transactions". Suas viagens frequentes pela Europa puseram-no em contato com os trabalhos de cientistas contemporâneos, incluindo Joseph Priestley, cujas "Experiências e Observações sobre Diferentes Tipos de Ar" (1774) haviam mostrado que plantas continham oxigênio. Um trabalho descrevendo experiências sobre vegetais, descobrindo "seu grande poder de purificar o ar comum na luz do sol e de estragar na sombra e de noite", foi publicado em Londres em 1779. Demonstrava que a parte verde das plantas, na luz, absorve dióxido de carbono do ar e solta oxigênio, mas

Ibert, Jacques François Antoine — Ingenhousz, Jan

que este processo cessa quando não há luz. A escuridão leva a planta a soltar óxido de carbono. Esta descoberta pode ser encarada como a base de toda a concepção de economia do mundo dos seres vivos, pois da vida da planta depende a do animal. Ingenhousz continuou seus trabalhos sobre a fisiologia das plantas e publicou diversas obras sobre o assunto, incluindo "Ensaio sobre a Comida das Plantas e sobre a Renovação dos Solos" (publicado em 1796), e sobre eletricidade, magnetismo, e outros aspectos da física, da medicina e da relação entre animais e plantas.

Ingenieros (José)

Filósofo argentino (Buenos Aires, 1877 — ?, 1925). Estudou sucessivamente medicina, psiquiatria, axiologia e metafísica. Ocupou os cargos de professor de medicina e filosofia na Universidade de Buenos Aires. Fundou também a "Revista de Filosofia". Viveu alguns anos na Alemanha e na Suíça. Dedicou a maior parte de suas obras à psicologia experimental. Influenciado por Comte e Spencer, Ingenieros é considerado um dos representantes do aspecto cientificista do positivismo. Mas, embora se opusesse a toda filosofia de índole transcendentalista, reconheceu a possibilidade da metafísica. Assim é que na obra "Proposições Relativas ao Porvir da Filosofia", afirma a existência de um "resíduo não experimentável que escapa à experiência", não como algo sobrenatural, mas como algo ininteligível. Outras obras: "A Simulação na Luta pela Vida" (1903), "Psicologia Genética" (1911) e "Princípios de Psicologia Biológica" (1919).

Inglês de Sousa (Herculano Marcos)

Escritor brasileiro (Óbidos, PA, 1853 — Rio de Janeiro, GB, 1918). Fez seus primeiros estudos no Pará e, aos onze anos, seguiu para o Maranhão, onde foi internado no Colégio Sotero dos Reis. Foi para o Rio, onde estudou direito, terminando a faculdade em São Paulo. Na capital paulista, dedicou-se ao jornalismo e à advocacia; publicou quatro romances com o pseudônimo de Luiz Dolzâni. Entrou para o Partido Liberal e fundou, em Santos, o "Diário de Santos" e a "Tribuna Liberal". Com

menos de 28 anos, foi nomeado governador de Sergipe, na época um Estado rebelde. Inglês de Sousa pacificou-o, recebendo por isso o oficialato da Ordem da Rosa. Mudou-se depois, com sua família, para o Rio, abriu um escritório de advocacia e, após muita luta, tornou-se conhecido. Foi catedrático de direito comercial da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Foi tesoureiro da então recém-fundada Academia Brasileira de Letras, deixando o cargo somente depois de onze anos, devido ao excesso de trabalho como advogado. Fundou a cadeira n.º 28 da Academia Brasileira de Letras. Apesar de doente, foi diretor-proprietário do "Diário de Santos" e da "Revista Nacional de Ciências e Letras". Em São Paulo, juntamente com Antônio Carlos, fundou a Secretaria do Tribunal da Relação de São Paulo e ainda o Banco de Melhoramentos e a Companhia Agrícola, Industrial e Colonizadora de São Paulo. Foi um dos introdutores do naturalismo na literatura brasileira. O crítico Araripe Júnior chamava a atenção, na obra de Inglês de Sousa, para "(...) o amor da natureza, a perfeita identificação artística com o meio em que se agitam os seus personagens e a compreensão exata do movimento histórico da região, aonde se desdobram as cenas dos seus contos". Algumas de suas obras são: "O Cacauleta" (1876), "História de um Pescador" (1877), "O Coronel Sangrado" (1877), "O Missionário" (1888), "Contos Amazônicos" (1892), "Projeto de Código Comercial" (1912) e "Projeto de Direito Privado".

Ingres (Jean Auguste Dominique)



V. Ingres, Enciclopédia Abril (vol. VII).

Inhaúma (Joaquim José Inácio, Visconde de)



Militar brasileiro (Lisboa, 1808 — Rio de Janeiro, GB, 1869). Iniciou sua carreira na Marinha em 1824: combateu, a bordo do "Pedro I", os rebeldes da Confederação do Equador. Ainda lutando contra inimigos do império, comandou o "Independente" em missões para desarmamento dos rebeldes no Ceará e no Maranhão. Em 1826 destacou-se, quando comandava o "Pará", na defesa da colônia de Sacramento, no atual Uruguai. De volta ao Brasil, viu-se envolvido nas lutas contra a Cabanagem (no Pará), os Farrapos (Rio Grande do Sul) e a Sabinada (Bahia). Todos esses feitos ajudaram-no a conquistar novos postos: em 1849, já era capitão-de-fragata, e comandou a força naval enviada para combater a Revolução Praieira em Pernambuco. Em 1853 foi nomeado chefe-de-divisão, exercendo o cargo de inspetor do arsenal da Marinha da corte. Capitão dos portos da corte e da província do Rio de Janeiro, pertenceu ao conselho naval e foi chefe-de-esquadra (em 1856), conselheiro do Estado e de Guerra e, de 1861 a 1862, ministro da Marinha. Em substituição ao almirante Tamandaré, por dois anos foi comandante-chefe das forças navais no Paraguai, participando de batalhas encarniçadas, como Curupaiti e Humaitá. Foi promovido a vice-almirante em 1867. Recebeu o título de visconde de Inhaúma "pelos relevantes serviços prestados na guerra". Um ano antes de sua morte, foi nomeado almirante.

Inocêncio III



Papa (Gavignano, perto de Roma, c. 1160 — Perugia, 1216). De família nobre, Lotário di Segni fez seus estudos nas universidades de Paris e Bolonha, tornando-se teólogo e canonista de renome. Embora não tivesse recebido o sacerdócio, tornou-se cardeal-diácono em 1190 e foi eleito papa em 1198 (após a morte de Celestino III), com o nome de Inocêncio III. Adotou as concepções teocráticas de Gregório VII, assumindo o controle da conduta dos príncipes, cujo poder confirmava, e que podia depor "ratione peccati" (devido a suas faltas). Estas idéias não eram novas — a originalidade de Inocêncio III consistiu em pô-las efetivamente em prática. A Santa Sé passou a orientar-se claramente para o "imperium mundi", ou seja, para a unificação de uma cristandade formada por realidades, subordinadas a São Pedro. Aproveitando-se da morte do imperador alemão Henrique VI (1197), Inocêncio III impôs sua suserania à rainha viúva Constança, e assegurou a tutela de seu filho, Frederico. Eliminou as influências alemãs na Itália. Na competição pelo trono imperial alemão, tomou o partido — contra Filipe da Suábia, irmão de Henrique — de Oto de Brunswick, que coroou imperador em 1209. Porém, Oto também se opôs ao domínio papal, sendo então excomungado (1210) por Inocêncio. Para assegurar a derrota de Oto, o papa apoiou o rei da França, Filipe Augusto, que venceu Oto em Bouvines (1214). Árbitro do império, Inocêncio III interveio também nos negócios ingleses: apesar da oposição de João sem Terra, fez nomear Étienne Langdon arcebispo de Cantuária. Tendo o rei con-

fiscado os bens da catedral, o papa lançou uma interdição sobre a Inglaterra, terminando por excomungar João sem Terra e por desligar seus súditos do juramento de fidelidade (1212). Diante da ameaça de execução dessa sentença, João sem Terra submeteu-se e entregou o reino à Santa Sé, da qual se tornou vassalo (1213). A ação política do papa manifestou-se até nos Balcãs e em Chipre. Mas não obteve sucesso na França, onde o Rei Filipe Augusto, apesar da interdição lançada sobre seu reino (1200), recusara-se a retomar sua esposa Isambour. Inocêncio III conheceu também graves derrotas com a quarta cruzada. Na Europa, lutou contra a heresia e apoiou novas formas de apostolado praticadas pelas ordens mendicantes. Em relação aos albigenses, tentou inicialmente submetê-los pela persuasão, mas, após o assassinato de seu legado Pierre de Castelnau, excomungou Raimundo VI de Toulon (1208). Propôs então uma cruzada guerreira, cujos excessos, contudo, iria condenar. O quarto concílio de Latrão (1215) marcou o apogeu de seu pontificado e de todo o papado medieval. Inocêncio III morreu no ano seguinte, acreditando ter conseguido fazer da teocracia uma realidade.

Irving (Washington)



Escritor norte-americano (Nova York, 1783 — arredores de Nova York, 1859). Filho de um comerciante escocês, foi advogado, negociante e soldado, antes de firmar-se como escritor, com a publicação de "História de Nova York por Knickerbocker" (1809). Seu "Livro de Esboços", publicado dez anos depois, tornou-o o primeiro literato do país. Mas foi na Europa — para onde viajou

em 1815 — que encontrou elementos para "Vida e Viagem de Cristóvão Colombo", "A História da Conquista de Granada" e "Contos do Alhambra". Depois de dezessete anos de ausência, Irving retornou a Nova York, onde foi calorosamente recebido. Impressionado pela abertura das fronteiras do oeste, fez uma aventurosa jornada às novas terras, escrevendo então "Uma Volta pelas Pradarias" (1835), "Astória" (1836) e "As Aventuras do Capitão Bonneville" (1837). Com exceção de uma ausência de quatro anos (1842/46), como ministro na Espanha, Irving passou o resto da vida em sua casa sobre o rio Hudson, rodeado por amigos e familiares e dedicando-se à literatura. Nessa fase, dedicou-se mais às biografias: "Oliver Goldsmith" (1849), "Maomé e seus Sucessores" (1850) e "George Washington" (1855/59). Washington Irving foi o primeiro escritor norte-americano a conhecer renome internacional; até a época atual é conhecido pelo seu conto "Rip van Winckle".

Isabel da Áustria

Governante dos Países-Baixos (Segóvia, 1566 — Bruxelas, 1633). Filha do rei da Espanha, Filipe II, e de Elizabeth da França (filha de Henrique II), casou-se com Alberto da Áustria. Recebeu como dote a soberania do Franco Condado e dos Países-Baixos, então revoltados (1598). Alberto e Isabel, na realidade, nada mais eram do que governadores espanhóis, que deveriam obedecer ao rei da Espanha e manter as guarnições espanholas nos Países-Baixos. Isabel soube em pouco tempo conquistar a estima da população belga e demonstrou grande energia na luta contra Maurício de Nassau (que tentava ocupar todo o litoral do mar do Norte). Quando da morte de Alberto, em 1621, Isabel ficou como única governante dos Países-Baixos. Porém, dedicando-se cada vez mais à religião, abandonou o poder real aos representantes de Filipe IV: o Cardeal La Cueva e o marquês de Santa Cruz. A época de Alberto e Isabel foi marcada, na Bélgica, pelo triunfo da reforma católica e por um florescimento da cultura científica e artística. Foi enterrada ao lado de seu marido na igreja Sainte-Gredule.

Ingenieros, José — Isabel da Áustria

Isabel I, a Católica



Rainha de Castela (Madrigal de las Altas Torres, 1451 — Medina del Campo, 1504). Filha de João II, rei de Castela, casou-se em outubro de 1469 com Fernando, herdeiro de Aragão. Em dezembro de 1474, sucedeu seu irmão Henrique IV no trono de Castela, em detrimento da filha deste, Joana la Beltraneja, cuja legitimidade era contestada. Seu marido tornou-se rei de Aragão em 1479 com o nome de Fernando II, mas não teve nenhuma autoridade oficial nos Estados de sua esposa. Isabel defendeu vitoriosamente sua Coroa contra Alfonso V, de Portugal, que foi obrigado a assinar o tratado de Alcobobes (1479). Fernando e Isabel reorganizaram a Inquisição (1481) e completaram a reconquista da Espanha com a tomada de Granada em 1492, recebendo do Papa Alexandre VI o título de "Reis Católicos". Foi sob o reinado destes que Cristóvão Colombo descobriu a América (1492). Isabel teve como herdeira sua filha Joana, a Louca, mas, após sua morte, Fernando II exerceu o poder.

Isabel II (Marie-Louise, dita)

Rainha da Espanha (Madri, 1830 — Paris, 1904). Filha de Ferdinando VII e de Marie-Christine de Bourbon-Sicile, sucedeu seu pai em setembro de 1833 (em 1830 fora revogada a lei sálica, pela qual a Coroa pertenceria a seu tio Dom Carlos). Sua ascensão ao trono marca o início das guerras carlistas (nome dado aos partidários de Dom Carlos de Bourbon). Com apenas três anos, Isabel foi coroada, inicialmente sob a regência de sua mãe, e a seguir sob

a de Baldomero Espartero (1841/43). Os elementos liberais do governo conseguiram que ela fosse declarada maior com catorze anos (julho de 1843), mas os conservadores chamaram novamente sua mãe para a regência (dezembro de 1843). Casada em 1846 com seu primo Francisco de Assis, duque de Cádiz, Isabel em pouco tempo começou a levar uma vida escandalosa, sofrendo a influência de seus numerosos favoritos. Seu governo pessoal iniciou-se após a revolução de 1854, que expulsou sua mãe. Em 1856, ela substituiu O'Donnell na direção dos Negócios do Reino por Narvaez, mas em outubro de 1857 O'Donnell retornou ao poder e confirmou sua autoridade por uma expedição vitoriosa ao Marrocos (1859/60) e pelo sucesso contra os carlistas. Com a França, a Espanha interveio no México em 1861, mas não pôde fazer com que Napoleão III aceitasse sua política de concessões em relação a Benito Juárez e retirou-se pouco depois da expedição. Em 1863, Isabel chamou novamente Narvaez, que se alternaria no poder com O'Donnell até 1868. Em outubro desse ano Isabel foi forçada a refugiar-se na França, devido a uma sublevação contra ela (dirigida pelos generais Serrano e Prim). Recusou-se a abdicar, e Prim resolveu oferecer a Coroa ao Príncipe Hohenzollern-Sigmaringen. Esta oferta, que não foi aceita, foi o pretexto da guerra franco-alemã de 1870. Nesse ano, Isabel decidiu abdicar em favor de seu filho Afonso XII e, quando ele subiu ao trono, Isabel retornou para a Espanha (dezembro de 1874).

Isabel (Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga)



Princesa imperial e regente do Brasil (Rio de Janeiro, GB, 1846 — França, 1921).

Filha de Dom Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina Maria de Bourbon, foi declarada herdeira do trono brasileiro aos quatro anos (pois seus irmãos mais velhos haviam morrido). Ela e sua irmã Leopoldina, um ano mais nova, tiveram uma infância de estudos e pouca diversão (Dom Pedro era avesso a promover festas e recepções). Passaram a juventude entre aulas de latim, alemão, botânica, mitologia, história sagrada, matemática, etc. Em 1864, Isabel casou-se com Gastão de Orléans, conde d'Eu, neto de Luís Filipe da França. Libertou, no dia de seu casamento, dez escravos que lhe haviam servido. Em dezembro do mesmo ano o casal partiu para o Velho Mundo, onde visitou as cortes européias, até junho de 1865. Quando das viagens de Dom Pedro II à Europa, Isabel ficou como regente do império. Durante a primeira regência, que durou dez meses, Isabel fez com que se votasse a Lei do Ventre Livre (julho 1871), pela qual emancipavam-se todas as crianças nascidas de escravas. Em 1876, Dom Pedro tornou a partir para a Europa, e Isabel assumiu novamente a regência do império, por um ano e meio. Em 1877, o casal herdeiro fez nova viagem à Europa, onde ficou por três anos e sete meses. Ao retornar, o império já não vivia a calma e a tranqüilidade de outrora: a propaganda republicana era feita abertamente em jornais, comícios, etc. Em 1887, retornaram mais uma vez para a Europa, onde receberam notícias de que o imperador não estava bem de saúde. Assim, a conselho do Ministro Cotegipe, retornaram para o Brasil e Dom Pedro partiu para a Europa, para recuperar-se. Iniciou-se então a terceira regência da Princesa Isabel. Nessa época, crescera o movimento abolicionista e republicano. A 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinava em público a Lei Áurea, pela qual foi declarada extinta a escravidão no Brasil. No ano seguinte, a República foi proclamada. A família real exilou-se em Paris, onde (em 1891) morreria Dom Pedro II. Depois disso, Isabel e Gastão instalaram-se no Castelo d'Eu, ao norte da França. A "Redentora", como foi cognominada a Princesa Isabel, nunca mais retornou ao Brasil.

Isabey (Jean-Baptiste)

Miniaturista francês (Nancy, 1767 — Paris, 1855). Teve como professor principalmente Louis David (1786). Inicialmente foi amigo dos revolucionários. Depois, caindo nas graças de Bonaparte e Josefina, foi o desenhista do Gabinete imperial. Teve, neste cargo, a função de organizar as festas do império, nas Tulherias, em Saint-Cloud, em Malmaison, e de vigiar os desenhos dos uniformes, roupas da corte e também dos brasões das novas famílias. Possuía tão pouca coerência política que moldou-se a todas as mudanças de regime: foi sucessivamente pintor de Luís XVIII, Carlos X, Luís Filipe e mesmo de Napoleão III. Em 1814, Talleyrand levou-o a Viena como pintor do Congresso, cujos membros ele representou. Fixou também a imagem de diversos soberanos, numa série de retratos. Suas miniaturas mais apreciadas datam do Diretório. Foi o último e um dos maiores artistas da miniatura, antes de esta técnica ter sido sobrepujada pela fotografia.

Isaías

Profeta de Israel (Judá, século VIII a.C.). De família de escrivãos, iniciou suas pregações e profecias — que duraram quase meio século — em cerca de 740 a.C. No Velho Testamento há um livro que leva seu nome, no qual ele explica como nasceu sua vocação: pouco depois da morte de Osias, rei de Judá, monarca pacífico e religioso, Isaías meditava no templo, quando o próprio Deus o convocou a servi-lo. Tornou-se então profeta do “Santo de Israel”, epíteto particular com o qual Isaías designava o Senhor. Deus (ou Javé, ou ainda Jeová), transcendente e temível ao mesmo tempo, era também, para Isaías, aquele que cuidava dos pequenos e dos necessitados. Somente nele Israel deveria crer, sem apoiar-se em nenhuma ajuda humana. O Livro de Isaías contém em resumo toda a evolução do messianismo hebraico. Sua pregação, que acentua o poder divino, desenvolveu-se sobretudo nos reinados de Achaz e de Ezékiás, ou seja, de 733 a 689 a.C. No contexto da época, suas prédicas revestiram-se de significação política: mos-

trando os assírios como instrumentos escolhidos por Deus para castigar seu povo idólatra e imoral, Isaías favorecia a política de compromisso com a Assíria, seguida por Achaz, e que preservou o reino de Judá. Por outro lado, denunciava como inútil a aliança egípcia. Do ponto de vista espiritual, a grande importância de Isaías está na precisão de suas profecias messiânicas. Isaías teria sido condenado à morte por ordem do incrédulo Rei Menassé, filho de Ezékiás. A autenticidade do Livro de Isaías, inscrito no cânone das Escrituras, é muito discutida pela crítica moderna. A maioria dos críticos e exegetas considera apenas a primeira parte (do capítulo I ao XXXV) como provável obra de Isaías; os capítulos XL-LV seriam obra de um “segundo Isaías” e teriam sido escritos após a deportação para a Babilônia; os capítulos LVI-LXVI teriam um terceiro autor, que os escreveu após a reconstrução do templo (520 a.C.).

Isidoro de Sevilha (Santo)

Prelado e escritor espanhol (Cartagena?, c. 560 — Sevilha, 636). Orfão muito cedo, Isidoro foi acolhido por seu irmão Leandro — que se tornaria arcebispo de Sevilha — e por sua irmã Florentina. Foi num convento dos arredores — talvez na própria Sevilha — que ele iniciou seus estudos, interessando-se desde cedo por teologia e letras. Ainda jovem, assistiu como testemunha ativa à conversão dos godos e, em 600, aproximadamente, sucedeu seu irmão como arcebispo de Sevilha. A partir de 610, assistiu a diversos sínodos e, em 633, presidiu o V Concílio de Toledo, onde foi decidida a unificação da liturgia da Igreja da Espanha. Isidoro de Sevilha foi um dos homens mais eruditos de sua época, deixando uma imensa obra literária, que exerceu fortíssima influência na cultura medieval. Entre suas obras estão “O Livro das Etimologias”, uma verdadeira enciclopédia que foi amplamente usada pelos escritores da Idade Média; “O Livro dos Homens Ilustres”; “Crônica”; “Diferenças ou Da Propriedade dos Verbos”; e “Dos Sinônimos”. Seu “Dos Cargos Eclesiásticos” possui grande interesse para a história política e

eclesiástica da Espanha, e oferece importantes ensinamentos sobre a organização e a liturgia da Igreja gótica; a “História dos Godos, dos Vândalos e dos Suevos” está impregnada de detalhes sobre as invasões bárbaras na Espanha. Em 1722, o Papa Inocêncio XIII considerou-o doutor da igreja, e, em 653, foi nomeado “doctor egregius” pelo VIII Concílio de Toledo.

Isla y Rojo (Padre José Francisco de)

Escritor espanhol (Vidanes, Leão, 1703 — Bolonha, Itália, 1781). Aos dezesseis anos entrou para o seminário dos jesuítas de Villagarcía del Campo, e depois estudou teologia em Salamanca. Foi professor de filosofia e teologia em Segóvia, Santiago e Pamplona. Foi nesta cidade que traduziu o “Resumo de História de Espanha” de P. Duchesne e, em 1746, publicou o “Triunfo del Amor y de la Lealtad, o Dia Grande de Navarra”, sátira dissimulada das festas celebradas em Pamplona pela ascensão ao trono de Fernando VI (obra que lhe causou muitos problemas). Dedicou-se também à pregação, e seus sermões constituem um ataque aos oradores religiosos de sua época. Contra eles o Padre Isla y Rojo escreveu (com o pseudônimo de Francisco Lobón de Salazar) a “História do Famoso Pregador Gerundio de Campasos, dito Zotes” (1758), na qual a zombaria está misturada a conselhos de retórica. Essa obra produziu nas vítimas uma reação tão violenta que a Inquisição recolheu o primeiro volume e proibiu que dele se falasse (1760). Expulso da Companhia de Jesus em 1767 (problema ao qual juntou-se, mais tarde, a extinção da própria Companhia), esteve na Córsega e depois valeu-se de sua amizade com os condes Tedeschi para exilar-se em Bolonha. Defendeu então a cultura espanhola, atitude que se patenteou, por exemplo, na tradução das “Aventuras de Gil Blas de Santillane” (1787/88), de Alain René Lesage, sustentando a origem espanhola da obra.

Isócrates

Orador e político ateniense (Atenas, 436 a.C. — id., 338 a.C.). Foi aluno de Sócrates e Górgias. Arruinado pela

Isabel I, a Católica — Isócrates

guerra do Peloponeso, começou a ganhar a vida como logógrafo (uma espécie de estenógrafo da época), e abriu uma importante escola de eloquência, tendo entre seus alunos Licurgo, Hipérides e Iseu. Em política, foi adversário de Demóstenes e lutou pela união do mundo helênico sob a monarquia de Filipe da Macedônia, contra os persas. Como orador, preocupou-se sobretudo com a forma, dando à prosa ática uma docilidade e harmonia ainda não atingidas. Sofreu grande influência de Cícero, que ele considerava o mestre da Grécia. Alguns de seus principais discursos (21 dos quais lhe sobreviveram) são: "Panegírico" (380 a.C.), "Plataico" (c. 373 a.C.), "Sobre a Paz" (355 a.C.) e "Filipe" (346 a.C.).

Israeli
(Isaac Ben Solomon)

Médico e filósofo judeu (Egito, c. 855 — ?, c. 955). Natural do Egito, deixou seu país para estudar medicina em Kairuan, no norte da África, sob a tutela de Ishaq ibn-Imram, um muçulmano. Posteriormente seria médico da corte de Ubaydulhah al-Mahdi (o fundador da dinastia fatimida no norte da África). Era famoso por sua competência médica, tanto na teoria como na prática, e os manuscritos de suas obras foram traduzidos para o latim por Gerardo de Cremona e publicados no começo do século XVI ("Omnia Opera Ysac"). Foi um dos primeiros filósofos da série de pensadores judeus medievais. Suas obras médicas e filosóficas mostram a influência tanto do aristotelismo como do neoplatonismo. Especialmente seu "Livro das Definições" exerceu grande influência sobre os pensadores judeus e cristãos medievais. Isaac Israeli ocupou-se também (especialmente em seu "Livro dos Elementos") do problema das diferentes causas, da natureza da inteligência e seus graus, da alma (concebida como uma luz que penetra no corpo) e do conhecimento racional e suas formas.

Itúrbide (Augustin de)

Político mexicano de origem espanhola (Valladolid, 1783 — Padilha, 1824). Como oficial espanhol, distinguiu-se por sua energia e ferocidade na repressão do levante me-

xicano de 1810. Porém, influenciado por amizades mexicanas, assinou com os insurretos o tratado de Iguala (24 de fevereiro de 1821), que estabelecia a autonomia do México sob a dependência espanhola, o catolicismo como religião do Estado e a igualdade racial. Quando o vice-rei e o governo espanhol tentaram anular o tratado, Itúrbide tomou o México e se fez proclamar imperador com o nome de Augustin I (18 de maio de 1822). Seu clericalismo e sua má gestão financeira fizeram com que, em pouco tempo, encontrasse forte oposição. Foi deposto em março de 1823 pela revolta republicana de Antonio Lopez de Santa Anna. Tendo assinado sua abdicação, refugiou-se em Livorno, depois em Londres e finalmente (maio de 1824) voltou secretamente para o México, na esperança de retomar o poder. Foi preso assim que desembarcou, e fuzilado. A Igreja católica mexicana e as classes conservadoras consideram-no o grande herói da independência.

Ivã, o Terrível



V. Ivã, o Terrível, Enciclopédia Abril (Vol. VII).

Ivanov
(Viatcheslav Ivanovitch)

Poeta russo (Moscou, 1866 — Roma, 1949). Desde cedo foi atraído pela história e pela filosofia, seguindo os cursos do historiador Theodor Mommsen em Berlim. Enquanto trabalhava em seu estudo "De Societatibus Vegetalium Publicorum Populi Romani" (que só publicaria em 1911), impregnou-se das idéias de Nietzsche, cuja influência sobre ele seria — como a de Vladimir Soloviev — determinante. Ivanov ficou

por algum tempo em Paris e em Roma, onde frequentava o Instituto Germânico. Em 1905 retornou para a Rússia, após ter publicado uma obra sobre o culto dionisíaco (1903/04) e sua primeira coletânea de versos, "Os Astros Pilotos" (1903). Instalou-se em São Petersburgo. Tendo enviuvado duas vezes, deixou por algum tempo a Rússia e, quando de seu regresso, fixou-se em Moscou. Seu nome ficaria na história da literatura russa como o do principal teórico do simbolismo. Escreveu poesias como "Trombeta Ardente", "Transparência" e "Doce Mistério"; tragédias ("Tântalo" e "Prometeu", por exemplo); e ensaios críticos — entre os quais, "Vigília das Estrelas" e "Coisas da Pátria e do Universo". A revolução bolchevique de 1917 inspirou-lhe uma das mais belas coletâneas poéticas, os "Sonetos de Inverno", e uma das obras mais originais do pensamento moderno, "Correspondência de um Canto ao Outono", em colaboração com o filósofo M.O. Gerschenson. Em 1921, Ivanov foi nomeado professor de grego na Universidade de Baku (na Rússia). Obteve a seguir permissão para ir para a Itália, em Pavia, de onde seguiu para Roma. Estabeleceu-se definitivamente na capital italiana, ensinando, publicando artigos em revistas e reeditando suas obras. A importância de Ivanov consiste em ter procurado superar o individualismo dos simbolistas mediante uma espécie de comunhão entre o individual e o coletivo. Por isso em seus poemas frequentemente emprega o "nós" no lugar do "eu": expressões de um conceito indeterminado. Sublinha o aspecto religioso e místico da poesia e entende o poeta como um sacerdote, um mágico e um misterioso criador da vida.

Ives (Charles)



V. Ives, Enciclopédia Abril (Vol. VII).